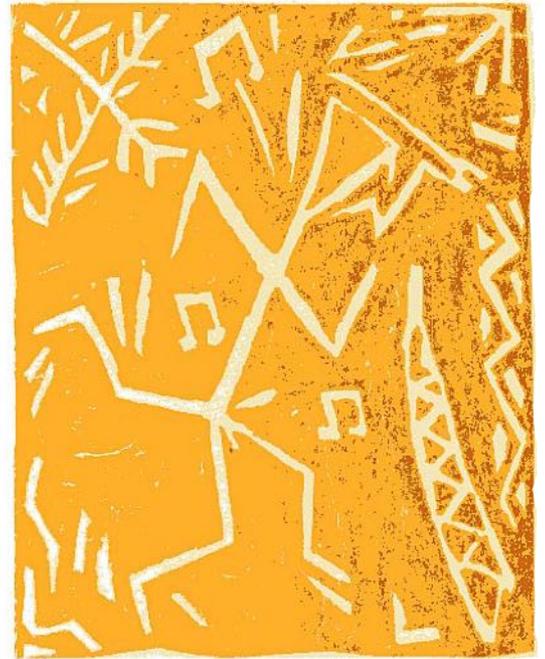


# Roberto Pontual

## EXPLODE GERAÇÃO!



Apoio:

THOMAS COHN ARTE CONTEMPORÂNEA

Com os três, a situação de trabalho conjunto muda de figura. Ligaram-se em certo momento, por circunstâncias fortuitas, embora haja muita razão de troca entre eles. No ano passado, estavam todos em Paris, cada qual vivendo e trabalhando no seu canto. Conheceram-se, compatibilizaram-se e expuseram lado a lado na galeria Debret, da embaixada brasileira. Hoje, só Fernando continua onde estava. Júlio e Ciro, de volta a São Paulo, parecem ter desistido da experiência parisiense. Aos dois primeiros, conheci quase da mesma maneira: por uma carta, já deles em Paris, propondo que eu viesse vê-los nos seus respectivos ateliês. Com Ciro, cruzei inúmeras vezes, sem saber que se tratava precisamente de um jovem pintor, enquanto ele prestava serviços na Galerie Bellechasse, dada a mostrar com frequência artistas brasileiros e latino-americanos.

A princípio, Júlio morava e pintava, junto com uma porção de artistas de nacionalidades diferentes, num apartamento quase na periferia da cidade. Foi ali que o vi três vezes, sem jamais coincidir com a presença de seus companheiros (a desarrumação falava por si só da ocupação). E, depois, também no imenso ateliê coletivo da École des Beaux-Arts, que ele começara a frequentar no maior dos entusiasmos. Antes de Paris, tinha estudado arte em São Paulo e Londres, e vivido boas temporadas em Madrid e Estocolmo. Vale dizer, um trajeto diversificado. Mas diversificado não era o seu trabalho, tal como o encontrei nos primeiros contatos. Pelo contrário, o que marcava então a prática de Júlio era uma grande concentração, em termos de técnica e de imagem, num grupo reduzido de preferências. Algo já fazia prenunciar, no entanto, o abandono dessa concentração: pregadas nuamente pelas paredes, algumas telas revelavam o seu esforço de sair da prisão do desenho.

Júlio mostrou-me uma infinidade desses desenhos. Neles todos, como reflexo recente de um espírito particularmente paulista, que começa com Wesley Duke Lee, passa pelo pessoal da

escola Brasil e se expande num montão de desenhistas dos anos 70 — o espírito da espontaneidade que se segura na elegância (alguns o transformariam em simples *chic*), das analogias que fazem ponte entre figuração e abstração (perdoem a recaída) e do conceitual que tem horror à chatura, exorcizando-a por uns toques de lirismo — dizia eu, em todos os desenhos de Júlio um teatro de personagens recorrentes se abria. Personagens sem corpo ou rosto humanos, feitos apenas de minúsculas formações flexivelmente geométricas, à maneira de Klee, mas atuando no palco do papel como indícios de sentimentos e emoções, enredados entre si. Uma forma de três pontas no alto entrava e saía insistentemente de cena: dava-me a sensação de um mais que bifurcado.

E Júlio se partiu em caminhos vários desde que começou a trabalhar na companhia de Ciro. Ciro é um bólido de fragilidade extrema, alguém que conhece de dentro a hora-do-lobo. Abre o coração, a cabeça e a mão a seus terríveis fantasmas e com eles trava um combate apaixonado, de salvação e destruição simultâneas. Por isso, aparecem tanto na sua pintura os sinais de clivagem: cortes de tesoura, fendas de búzio ou vagina, diagonais, flechas varando o ar, cobras se esgueirando afiadas. A própria enorme faixa pintada, que ele expôs na Debret, fala sobretudo de corte: cada um de seus 10 quadrados de 1m de lado é cortado por uma diagonal nítida e inteira. E Ciro me contava, a respeito dela, que a sua verdadeira intenção era deixar que o visitante a cortasse, quadrado a quadrado. O título da obra dava a dica: *3.495 Francos o Metro Quadrado*. Assim, no contato com tanta dinamite, a concentração inicial de Júlio implodiu. Quando o vi pela última vez, ele foi logo avisando que os trabalhos estavam diferente de antes. Tinha razão. Primeiro, a pintura tomara de vez o lugar do desenho. E, mais que tudo, nessa pintura a violência se instalara, desalojando quase completamente a antiga elegância. Ríspidas naturezas-mortas, com panelas, facas e pães em buquete, sugeriam-me uma virada no sentido do despedaçamento do quadro. Onde a ruptura e a violência vão dar, ainda não sei.

Mas sei que o Júlio agora agressivo precisará aguentar forte a sua soltura, que é daquelas que em geral não têm arrego nem volta atrás.

Com Fernando, a violência também é vasta, porém segura as pontas na reflexão e no riso. Como o Júlio do início, ele trabalha com uma série limitada de formas-personagens, na qual predominam estranhos animais mistos de brinquedo e monstro. Cobras, peixes, onças e gatos: tudo o que desliza, se esgueira e dá bote. Quando comecei a ver os seus pastéis, a primeira ligação que fiz foi com o mundo de fauna agreste e fantástica do cearense Chico Silva, inclusive pelo entredeveramento de que são tomados os seres de um e do outro. Mas a ligação só podia ser de superfície e aparência. Pois nada há absolutamente de ingênuo, primitivo ou popular em Fernando. Seu bestiário não está ali para descrever, fantasiar ou sublimar o reino animal. Trata-se de um bestiário tático, de intenções muito precisas. Mesmo que a simbologia da sexualidade compareça evidente — as serpentes/falos, as bocas/vaginas — ela opera no sentido de encaminhar e fortalecer outra polaridade: a da linguagem, enquanto forma aprazível ou combatente de troca entre nós, animais-pessoas. Se o sexo nos liga e fertiliza, apesar de todas as repressões e frustrações, a linguagem procede identicamente. São as duas ferramentas essenciais para a sobrevivência da espécie.

A questão da linguagem povoa o trabalho inteiro de Fernando, sobretudo o seu desenho. Pode emergir mais óbvia, quando letras, palavras e frases atravessam com nitidez o papel. Ou menos imediatamente, quando o que percebemos são apenas os fragmentos de uma fala explodida em mil pedaços. No entanto, a luta corporal da linguagem parece ganhar a sua força maior no momento em que todos os seus sinais reconhecíveis vão embora e deixam no lugar um único elemento de prova: a espiral. A espiral que antes eu já dissera ser tempo e que agora quero ver como linguagem — porque a linguagem flui no tempo, é o tempo materializado. Como um animal e como o tempo, a linguagem avança, se esgueira, dá o bote sobre esta ou

aquela presa da realidade e a transforma em nome. No seu caminho sem fim, a espiral vai articulando o desarticulado, equilibrando num moto-perpétuo a fragilidade e a voracidade das coisas no mundo. A linguagem é o jorro que nos explica e devora diante da Esfinge.

Um desses pastéis de **Fernando** resumia-lhe toda a empresa. Na parte de baixo, um comprido animal de garras/tetas, cuja bocarra morde uma palmeira. Sua pele enche-se de inscrições, como uma caligrafia, uma garatuja ou um grafito impossível de decifrar. (Mas talvez não seja somente a pele: as vísceras também.) A grande cauda em espiral começa chupando para dentro de si a garatujalha toda, embora aos poucos fique sem qualquer inscrição. Do tronco afilado da palmeira à espiral empinada, uma corda se estende. E sobre ela se equilibram, em mirabolantes contorções, quatro felinos que exercitam igualmente a devoração recíproca. Tudo somado, a linguagem na sua mais fundamental corda-bamba. Eu como, tu comes, ele come — o mundo. E nós nos comemos. Na pintura, a que **Fernando** está cada vez mais se dedicando ultimamente, a questão da linguagem sofre um pequeno giro. Já não se passa ao nível elementar da luta-e-troca entre o homem e o mundo, e entre o homem e o homem, e sim na dimensão da linguagem que virou arte. Nas suas vastas telas sem chassis, duras de olhar, **Fernando** substitui o animal pelo homem e põe em campo o que ele próprio chamou, se autodefinindo, de “nomadismo estilístico”. Invasão do armazém dos estilos, para retirar dele especialmente a lição da “má-pintura”.

## LEDA CATUNDA, SÉRGIO ROMAGNOLO

Vão acabar me acusando de bairrista. E a gente de São Paulo, na Geração 80? Que há, há. Já dei conta longa de Leonilson, cearense paulistizado. E Júlio e Ciro, depois de cambalhotas aqui fora, voltaram a pôr os pés na sua paulicéia de origem. De qualquer maneira, faltava colocar um paulista convicto na turma. Isto aconteceu primeiro com Leda, num dia de mágica